

# **MACHADO DE ASSIS na literatura nacional**



© Copyright 2019 by José Geraldo Dantas Bezerra

Todos os direitos desta edição reservados ao editor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome da autora, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação**

Joselito Miranda

**Editoração**

Editora ArtNer Comunicação

**Impressão**

Infographics

**Correção ortográfica e gramatical**

Profa. Lilian Gomes Rocha

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

**Ficha Catalográfica**

---

Santos, José Bezerra dos.

S237m

Machado de Assis na Literatura Nacional: Edição comemorativa  
do Centenário de nascimento do autor. / José Bezerra dos Santos.

- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019.

150p.: il.

1. Literatura Sergipana                      2. Machado de Assis-Obra Literária

3. Gêneros Literários

I - Título

CDU: 821.134.3(813.7) - 9

---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975



**Editora ArtNer Comunicação**

Tel.: (79) 99131-7653 • 3043-1744

<http://artner.com.br/>

JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS

# **MACHADO DE ASSIS na literatura nacional**

Edição comemorativa do  
centenário de nascimento do autor  
2019

## **NOTA DO EDITOR**

Essa edição é a publicação da tese de José Bezerra dos Santos, defendida por ele em 1952, quando foi e fetivado no Concurso de Provas e Títulos como professor catedrático de Português no Instituto de Educação Ruy Barbosa.

## DEDICATÓRIA

Ao Dr. José Rollemberg Leite, ex-governador do Estado de Sergipe;  
E ao Sr. Arnaldo Rollemberg Garcez, atual governador,  
dedico este humilíssimo trabalho.

## HOMENAGEM ESPECIAL

Ao Dr. Moacir Sobral Barreto, ex-vice-governador do Estado;

E aos professores:

Dr. Manuel Cândido; Cecílio Cunha;

Alcebíades Vilas-Boas, Cornélio Monteiro;

José Fontes Cardoso; José de Alencar Cardoso; Dr. Manuel Ribeiro;

Dr. Armando Rollemberg; Acrísio Cruz; Benedito Oliveira;

Cônego José Soares; José Fonseca Gesteira; Miguel Rezende; Dr.

José Barreto Fontes; Jugurta Feitosa Franco; Joaquim Vieira Sobral;

Napoleão Dória e Francisco Portugal,

Meu muito obrigado!

A Dom Bosco, pioneiro de minha formação;

E à memória dos professores:

Olavo Almeida, do Salesiano;

Tennyson Ribeiro,

Dr. Oscar Nascimento,

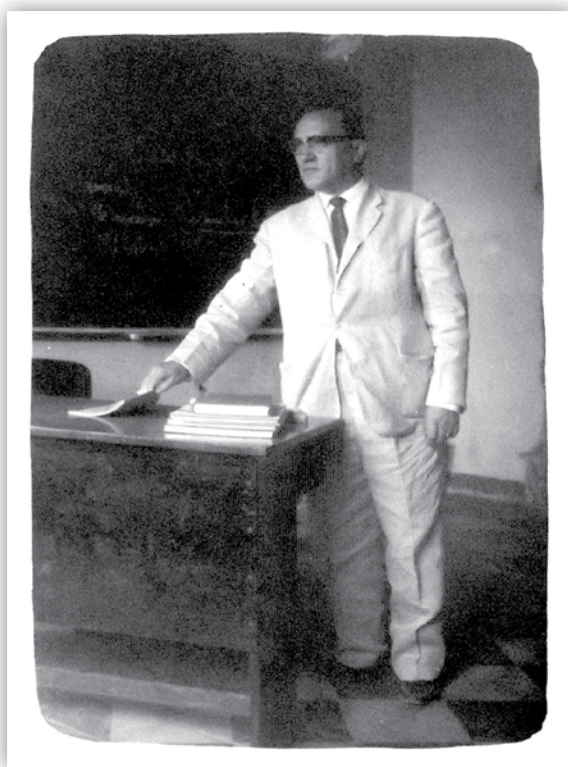
Abdias Bezerra;

Manuel J. dos Santos Melo e

Dr. João Antônio de Aquino.

Aos meus ilustres e dignos colegas e amigos,  
saúde e fraternidade!





José Bezerra dos Santos

★ 20/02/1919

† 23/09/1982

## **JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS**

### **1919**

Nascido em 20/02 em Jaboatão - filho de Manoel Antônio dos Santos e Belaniza Bezerra dos Santos. Em novembro do mesmo ano veio transferido para a casa de seus avós em Aracaju, vindo a residir toda a sua infância na rua Lagarto, próximo ao Morro do Bonfim.

### **1926**

Frequenta as escolas particulares de d. Nenzinha, d. Marocas, Maria Baião, d. Elvira e o Grupo General Valadão, sob direção das professoras Emília e Amália.

### **1929**

Matriculado no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, sob direção dos padres José Selva e Epifânio Borges.

### **1931**

Exame de admissão ao ginásio, tendo como inspetor federal o prof. Franco Freire.

### **1933**

Como aspirante à vida religiosa Salesiana viaja para Jaboatão dos Guararapes-PE

### **1936**

Noviciado

**1937**

Profissão religiosa e início do curso de Filosofia (Lógica e Metafísica).

**1938**

Ida para o Colégio Salesiano em Baturité-CE, onde leciona Português, História do Brasil e Desenho. No final do ano, desiste da vida religiosa, regressando para Aracaju.

**1939**

Leciona Português no Colégio Salesiano e é contratado como bedel no Colégio Tobias Barreto.

**1942**

Casa-se com a srta. Cacilda Dantas.

**1943**

Nasce o seu primeiro filho, João Bosco. Aprovado nos exames de Licença Ginásial nos termos da Lei Orgânica do Ensino Secundário do Colégio Estadual de Sergipe.

**1944**

Aprovado nos exames de suficiência para professor de Latim. Inicia como aluno o Curso Clássico no Colégio Estadual de Sergipe.

**1945**

Inicia-se no Magistério Público, contratado para ensinar Latim no mesmo Colégio Estadual sendo, então, nomeado auxiliara de diretor pela portaria de 06/07 diretor prof. Joaquim Sobral. Participa de atividades políticas com LEC, junto ao bispo diocesano D. José Tomaz Gomes da Silva e a intelectualidade católica.

**1946**

Conclusão do Curso Clássico. Nascimento do seu segundo filho, José Geraldo.

### **1948**

Aprovado em exame de suficiência para professor de Português, passando a lecionar a mesma disciplina na Escola de Comércio Conselheiro Orlando.

### **1949**

Aprovado no Concurso Vestibular na Faculdade de Direito de Maceió, onde inicia o curso de Ciências Jurídicas. Nomeado professor interino da cátedra de Português do Instituto de Educação Ruy Barbosa, substituindo a profa. Cecinha Melo.

### **1951**

Passa a lecionar Português nos colégios Jackson de Figueiredo, Patrocínio de São José e Tobias Barreto

### **1952**

Efetivado no Concurso de Provas e Títulos como professor catedrático de Português no Instituto de Educação Ruy Barbosa, defendendo a tese *Machado de Assis na Literatura Nacional*.

### **1953**

Gradua-se como bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Alagoas.

### **1955**

É nomeado diretor do Instituto de Educação Ruy Barbosa. Publica o livro *O Tesouro de Jaboatão*. Funda com amigos e preside o Partido Democrata Cristão, participando da campanha à presidente do Gal. Juarez Távora.

### **1956**

Através do concurso público é aprovado para a magistratura sendo nomeado Juíz de Direito da Comarca de Itabaiana, havendo tomado posse em 12/10/1956.

**1957**

Passa a lecionar Português no Colégio Estadual Murilo Braga, em Itabaiana-SE.

**1967**

Transfere-se, por solicitação sua, para a Comarca de Itaporanga D'Ajuda. Retorna a lecionar no Instituto Ruy Barbosa, em Aracaju. Posto em disponibilidade como magistrado em 08/1967.

Na convivência do Instituto Rui Barbosa, junto ao maestro Leozírio Guimarães e outro colegas fundam a SOFISE - Sociedade Filarmônica de Sergipe, passando a dedicar-se a atividades musicais.

**1976**

Aposenta-se como professor do Ensino Médio.

**1980**

Após acidente por queda, sofre AVC, ficando hemiplégico à esquerda o que lhe dificulta a locomoção. Diabético, evolui para insuficiência renal.

**1982**

Aposenta-se como juiz de direito. Vindo a falecer em 23/09.

*“Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor.  
Não conheço missão maior e mais nobre, que a de  
dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens  
do futuro.”*

D. Pedro II



## SUMÁRIO

TESTEMUNHA OCULAR .....	21
NOTA - OPINAM OS PROFESSORES SERGIPANOS	
SOBRE A ORTOGRAFIA OFICIAL.....	23
A LITERATURA BRASILEIRA.....	25
A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL.....	27
FASE DE FORMAÇÃO DE NOSSA LITERATURA.....	33
FASE DE TRANSFORMAÇÃO .....	39
NOSSA AUTONOMIA LITERÁRIA: O ROMANTISMO.....	45
O ROMANTISMO NO BRASIL.....	49
PROSA DE FICÇÃO.....	53
CRÍTICA, JORNALISMO E TEATRO .....	57
UM VULTO SINGULAR.....	59
MACHADO DE ASSIS E SUA OBRA LITERÁRIA .....	63
REALISMO E NATURALISMO.....	67
PARNASIANISMO .....	69
O REALISMO OU NATURALISMO NO BRASIL .....	73
HISTÓRIA, CRÍTICA, JORNALISMO E ORATÓRIA.....	75
MACHADO DE ASSIS, O POETA .....	81
MACHADO DE ASSIS, O ROMANCISTA.....	89



O TEATRÓLOGO, O CRONISTA, O CONTISTA.....	101
MACHADO DE ASSIS, O CRÍTICO .....	109
A LINGUAGEM DE MACHADO DE ASSIS .....	113
MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS.....	115
INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS DE MACHADO DE ASSIS.....	123
DON CASMURRO.....	125
DEPOIS DE MACHADO DE ASSIS.....	133
CONCLUSÃO .....	137
BIBLIOGRAFIA .....	139

## TESTEMUNHA OCULAR

Ainda adolescente, lá pelos idos de 1950, então aluna da Escola Normal cuja denominação posterior passou para Instituto de Educação “Rui Barbosa”, tive o inaudito privilégio de ser aluna do ilustre mestre José Bezerra. Profundo conhecedor do nosso vernáculo, professor José Bezerra encantava suas alunas pelas belas aulas cuja metodologia fascinante abria caminhos para o conhecimento da “última flor do Lácio”, a língua portuguesa, tão bem retratada no antológico soneto parnasiano de Olavo Bilac.

Sabia estabelecer com propriedade os limites entre a norma culta e a linguagem coloquial. Utilizava uma antologia ao alcance de suas alunas ginásianas para leitura e interpretação de textos, despertando em todas, a vontade e o prazer de ir ao encontro do belo literário. Foi através do professor José Bezerra que nos albores da minha juventude encetei uma longa e maravilhosa viagem através da leitura dos romances alencarianos: Iracema, O Guarani, A Viúva, Cinco Minutos e dos poemas do grande vate baiano, Castro Alves, o poeta dos escravos. Ler seus poemas entre os quais O Escravo, Vozes d’África, O Navio Negreiro despertou em mim o positivo desejo de memorizá-los e declamá-los. Ainda hoje em pleno apogeu da senectude relembro e declamo algumas estrofes de características épicas com profunda emoção. O professor José Bezerra foi o responsável pela minha primeira oportunidade de ouvir a expressiva leitura de um excerto do célebre poema, “Os Lusíadas” de Camões.

Em tempos pretéritos o professor ingressava na carreira do magistério através de concurso à cátedra das diversas disciplinas. Ser catedrático

àquela época envidava esforço, estudo, profundo conhecimento da matéria e notório saber. Confesso que um dos mais sublimes momentos da minha vida estudantil foi assistir ao exame a que se submeteu o mestre José Bezerra à Cátedra de Língua Portuguesa. Que bagagem cultural teria uma estudante que aos catorze anos estava no alvorecer do mundo do conhecimento e do saber! De uma certeza eu tinha: tudo que o mestre dissertava com segurança e respondia com entusiasmo, às vezes intercalado pelos aplausos, era uma prova indubitável da marca do seu saber e do seu fazer pedagógico. Diante da douta Banca Examinadora, da congregação presente e de todas as alunas dispensadas das aulas normais para assistir ao grandioso evento, tudo que ele falava soava como uma mensagem e uma poesia para meu espírito. Com mestria e acurado espírito de pesquisa fez uma depurada análise da obra de Machado de Assis, tema de sua brilhante tese.

A sapiência e empolgação do mestre despertaram na plateia uma artilharia de aplausos, consagrando diante do público presente a real vitória da competência e do saber.

*Yvone Mendonça de Sousa*

*Ex-aluna do Prof. José Bezerra na Escola Normal*

## NOTA

### OPINAM OS PROFESSORES SERGIPANOS SOBRE A ORTOGRAFIA OFICIAL

O diretor do Colégio Estadual de Sergipe recebeu dos catedráticos de língua portuguesa o ofício abaixo:

Aracaju, 4 de agosto de 1949.

Sr. Diretor:

Autorizados pela Congregação deste Colégio, reunimo-nos os professores de Português, auxiliados pelo professor catedrático de Francês, para opinarmos sobre qual a ortografia que se deveria adotar no Estabelecimento, ensinar nas aulas do Português e exigir dos alunos nas provas escritas de todas as matérias, desde o exame de admissão. A dúvida reinante, que motivava frequentes pedidos de esclarecimentos da parte dos demais professores e diretores dos diversos educandários que preparam alunos para o exame de admissão, explicava-se pelo fato de não ter ainda ordenado pelo poder competente o uso do sistema resultante do último Acordo entre as Academias Brasileira e Portuguesa e, não obstante, encontrar-se já o mesmo adotado nos livros didáticos de há dois anos para cá.

Procurando estudar o lado jurídico do caso, concluímos que o sistema reco-mendado pela Academia Brasileira de Letras nas *Instruções*

*para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional*, em sessão de 12 de agosto de 1943, é, por enquanto, o único legal, adotado também no Diário Oficial da República, tendo sido o de 1945 tolerado nos livros didáticos, ao que nos parece, apenas pela expectativa de sua próxima aprovação.

Sala dos Professores do Colégio Estadual de Sergipe, em três de agosto de mil novecentos e quarenta e nove.

aa) José Olino de Lima Neto.  
João Evangelista Cajueiro.  
Ofenísia Soares Freire.

(Diário Oficial, 5-8-949)

## A LITERATURA BRASILEIRA

*“Um povo sem literatura, naturalmente, é um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como reles planta rasteira, nascida para ser pisada.”*

*Ronald de Carvalho*

Desde longas eras, vimos acompanhando a marcha de nossa história literária, havendo quem afirme que a literatura brasileira teve início com a carta de Vaz de Caminha. Apontam outros as obras literárias e didáticas do taumaturgo Anchieta. Daí em fora as escolas literárias vão-se sucedendo, umas após outras, como consequência natural da evolução do espírito humano. E o espírito humano evoluciona, como bem diz o douto Sílvio Romero, conforme a ação que sobre ele exerce o meio, a raça, as influências estrangeiras.

Nossa literatura é a representação fiel do povo brasileiro disperso nesta vasta porção de terras vicejantes e céus azuis, sentindo no sangue a miscigenação de raças diferentes. A natureza, a temperatura, o clima, a situação hidrográfica, orográfica, agindo como fatores capitais no povoamento do território, estimularam cada vez mais a curiosidade e a penetração em novas regiões, modificando, assim, as tendências trazidas de além-mar. Cá, africanos e reinóis se confraternizaram; os nativos se renderam às aldeias de catequese inaciana; todos sentiam os efeitos e os impulsos de uma nova civilização que surgia.

E a civilização brasileira do século XX aí está. Os componentes étnicos quase indistintos. É uma sub-raça afeita ao ambiente pátrio, formando a seiva da nacionalidade.

Mas, para isso, quatro séculos já se foram, num trabalho incessante de formação e de transformação intelectual, cuja história literária registra os movimentos de sobriedade ou de glória.

A literatura, acrescenta Ronald,

*“é a própria história de cada coletividade; refletem-se nela, como num espelho polido, as imagens tristes ou risonhas da vida humana. É ela que anuncia as grandes revoluções políticas e religiosas, como no caso de Lutero e dos enciclopedistas do século XVIII, ou que registra os triunfos de uma raça que declina, como no caso dos Lusíadas.”*<sup>1</sup>.

O povo brasileiro, a princípio sem vontade própria, teve a assimilar as correntes literárias portuguesas predominantes até os fins do século XVIII; era o espírito lusitano que o animava. Com o advento da independência política nacional, mais depressa a nossa literatura se desviou da influência estrangeira, tomando caráter autonômico.

O romantismo, em verdade, reagindo às feições clássicas, aqui viera abrigar-se, inaugurando nova época para a arte literária brasileira. É quando nasce verdadeiramente a literatura brasileira, respirando nossos ares, vivendo nossa vida, com alma brasileira por excelência.

Tem muita razão o ilustre professor João E. Cajueiro, quando afirma que *“por essa época - início do século XIX - mais engatinhava a literatura brasileira.”*<sup>2</sup>

---

1 - Ronald de Carvalho – Pequena História da Literatura Brasileira – 7ª ed. pág. 45

2 - J. E. Cajueiro – Mário Barreto e a Renovação da Filologia Portuguesa no Brasil. – Tese para Concurso – Pág. 12

## A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

*“A língua nacional é, essencialmente, a língua portuguesa, enriquecida na América, emancipada e livre nos seus próprios movimentos.”<sup>3</sup>*

Já é uma velha questão a tentativa de independência linguística no Brasil. Quando os patriotas lutavam pela independência nacional, já havia quem falasse em língua brasileira e, para mais acentuar o valor de seu patriotismo, tentasse fazer crer nela aos outros.

No entanto, veio a independência política e o idioma falado pelos brasileiros continuou sendo o dos heróis das caravelas de 1500, o mesmo “em que Camões chorou, no amargo exílio”.

Ao ser transportada para a Terra de Santa Cruz, decerto a língua portuguesa encontrou ambiente novo, clima diferente e hábitos estranhos. Os nativos encontrados pelas praias se manifestavam em tupi e as levas de portugueses, dentro em pouco, eram insuficientes que as pôde dominar a intensidade da língua selvagem.

Por toda parte, o tupi era falado e os mesmos portugueses se viram na contingência de concertar com os indígenas, como testemunha o eloquente Vieira:

*“É certo que as famílias dos portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas, hoje, umas às outras, que as mulheres e os*



*filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa vão os meninos aprender à escola.”*

Quando, porém, o ouro do Brasil parecia atrair toda a gente da Metrópole, o tupi, pouco a pouco, foi-se afastando e deixando fortes vestígios de sua passagem, nos nomes próprios ou apelidos de pessoas, nos nomes próprios geográficos, nos nomes de seres dos reinos animal e vegetal, nos objetos, aparelhos, utensílios, fenômenos naturais, doenças, alimentos, crendices e, embora mais raramente, na mesma fraseologia. Veio, em seguida, o elemento africano, com a escravatura. Este muito contribuiu para alterações de nossa linguagem e sua influência foi muito sensível no falar do caipira. É o próprio professor Ismael Coutinho quem fala:

*“Essas formas profundamente alteradas, esse vocabulário comum e popular, essa construção viciadíssima que caracterizam o falar do nosso roceiro, estão a atestar, em grande parte, a sua procedência africana, indígena ou afro-indígena.”<sup>4</sup>*

Quem quer que estude o português do Brasil há de se defrontar com os elementos estranhos, o indígena e o africano; portanto, são três elementos e mais línguas que se misturam em circunstâncias diferentes. O mesmo português, transplantado, sofreu as influências do ambiente; de geração em geração, sentiu as vicissitudes do meio histórico, geográfico e social na formação do nosso povo; índios e negros imprimiram-lhe defeitos de origem morfológica, sintática e semântica. Mesmo depois de restabelecida ao plano superior, depois de firmada a linguagem escrita, o povo, representante da terceira ou quarta geração, já deveria ter uma afetividade que não a do espírito genuinamente lusitano, outro modo de ver e ouvir a vida e a natureza.

---

4 - Ismael L. Coutinho – Pontos de Gramática Histórica. – 2ª ed. Pág. 117

Será que tudo isso não contribuiu para o surgimento de uma nova língua, a língua brasileira? Ou redonda num estado regionalista da língua portuguesa?

Aqui, as correntes se dividem:

Uns afirmam a unidade linguística entre Brasil e Portugal, explicando natural e logicamente as causas de diferenciações regionais no modo de falar a mesma língua; outros apaixonados, formam uma espécie de “claque”, a que Gladstone Chaves de Melo denomina Escola da Língua Brasileira, e defendem a completa ou relativa independência linguística.

E é até bem interessante, ouvirem-se os alaridos de Monteiro Lobato:

*“Assim como o Português saiu do Latim, pela corrupção desta língua, o Brasileiro está saindo do Português. O processo formador é o mesmo: corrupção da língua-mãe. A cândida ingenuidade dos gramáticos chama corromper, ao que os biólogos chamam evoluir.*

*A nova língua, filha da lusa, nasceu no dia em que Cabral aportou ao Brasil. Não há documentos, mas é provável que o primeiro brasileirismo surgisse exatamente no dia 22 de abril de 1500. E, desde então, não se passou um dia sem que a língua do reino não fosse, na colônia, infiltrada de vocábulos novos, de formação local, ou modificada na significação dos antigos.”<sup>5</sup>*

Será que doutrinadores idênticos não conheciam a voz altissonante de Rui Barbosa que, indignado com tamanha pretensão, verberou-a com veemência, chamando-lhe

*“surrão amplo onde cabem à larga, desde que o inventaram para sossego dos que não sabem a sua língua, todas as escórias da preguiça, da ignorância e do mau gosto?”<sup>6</sup>*

---

5- Enéias Martins – “Curso de Português” 4ª Série – Pág. 299 – Gladstone Chaves de Melo – “A Língua do Brasil” – Agir – Pág. 19.

6 - Marques da Cruz – “Português Prático”; Agostinho de Campos – “O Futuro da Língua Portuguesa no Brasil” – Pág. 19

E Machado de Assis insistia em que a Academia Brasileira de Letras conservasse

*“na federação política, a unidade literária de Portugal e Brasil” e, em tom solene: “Não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma.”<sup>7</sup>*

A teoria biologista de Monteiro Lobato, porém, é caduca. Até os fins do século XIX tinham as línguas como organismos independentes da vontade humana. Em “A vida da linguagem”, Whitney contestou as ideias evolucionistas de Max Muller, e Miguel Bréal, célebre filólogo e semantista francês, provou, com outra tese, a falsidade da concepção biologista e fatalista na “Ciência da Linguagem”.

Finalmente, Meillet, quando veio substituir Bréal no Colégio da França, em 1903, demonstrou a impraticabilidade das profecias no domínio da linguagem.

*“As leis, dizia ele, nos mostram possibilidades e não, necessidades. Nunca poderemos prever o que se-rão as línguas daqui a cem ou duzentos anos.”<sup>8</sup>*

Negamos, pois, as afirmações de Monteiro Lobato. É verdade que o latim se fragmentou, mas não por causa do evolucionismo biológico das línguas. A causa foi o “desmoronamento da cultura romana e o caos subsequente”.<sup>9</sup>

\*\*\*

E por que as modalidades não formam o dialeto brasileiro?

Quando ouvimos um português a falar, sua língua não destoa da nossa, exigindo de nós minutos de apuração visual e fonética, e nossos

---

7 - Marques da Cruz – “Português Prático” – Ciclo Colegial, 3ª Série – Pág. 12

8 - Gladstone C. de Melo – “A Língua do Brasil” – AGIR – Pág. 219 -Ibidem

9 - Ibidem

olhos e ouvidos não atentam seus lábios na estranha prolação das sílabas e palavras? Onde está a unidade linguística entre Brasil e Portugal?

Na verdade, há modalidades linguísticas, muitas delas bem sensíveis aos ouvidos do luso recém-chegado. Haja vista as procedentes dos elementos afro-indígenas, como vimos. Estamos que muitas outras há, motivadas pela influência do clima, dos fatores topológicos ou das correntes estrangeiras.

Isto não nos admira, porém, que o castelhano falado na América apresenta diferenciações regionais em relação ao velho dialeto de Castela; o inglês falado na América do Norte apresenta outras distinções do da velha Inglaterra; nem por isso os argentinos, uruguaio ou mexicanos deixaram de falar a língua de Espanha, nem os americanos do norte, o idioma inglês; todos estão sob as mesmas leis de influência linguística.

A unidade linguística está em uma língua comum entre duas nações, solenemente apresentada na linguagem escrita.